

Racialismo e antirracismo no pensamento social brasileiro. Uma proposta de análise

*Antonio Carlos Rocha de Sousa*¹

Resumo: discutindo o problema "racial" na formação do brasileiro, principalmente a oposição e/ou diferenciação binária entre o negro e o branco, vale lembrarmos que os africanos foram inseridos no Brasil através de uma migração compulsória como escravo; nesse sentido ele é inserido no processo de formação do Brasil numa condição estigmatizada. A partir do fim dos séculos XVIII desenvolvendo-se mais no século XIX, a disseminação das teorias racialistas, fez com que a diferenciação da cor da pele, dentre outros traços fenotípicos, responsáveis por "identificar" as "raças", passou a ganhar uma grande relevância para entender as "desigualdades" existentes entre a civilização europeia e as demais civilizações. Nesse sentido; os pensadores do Brasil, não fugindo desta discussão, desenvolveram as mais diversas hipóteses, teses e teorias sobre a formação do povo brasileiro, abordando a miscigenação "racial", baseada no racialismo. Partindo desse problema racial e pautado nas discussões sobre o racialismo e o antirracismo no pensamento social brasileiro, pretendemos discutir a construção sócia histórica da teoria racialista no Brasil, bem como verificar os problemas trazidos pela associação "raça/ cor" e "raça/ etnia" na discussão sobre a formação do brasileiro.

Palavras chave: Racialismo; Antirracismo; raça; brasileiro.

Abstract: discussing the "racial" problem in the formation of Brazil, mainly the opposition and / or binary distinction between black and white, it is worth remembering that Africans were inserted in Brazil through a compulsory migration as a slave; in this sense it is inserted in the formation of Brazil in a stigmatized condition process. From the end of the eighteenth developing more in the nineteenth century, the spread of racialist theories, led to the differentiation of skin color, among other phenotypic traits responsible for "identifying" the "races", went on to earn a great relevance to understand the "inequalities" that exist between European civilization and other civilizations. Accordingly; thinkers of Brazil not running this discussion, the most developed several hypotheses, theories, and theses about the formation of the Brazilian people, addressing the "racial" admixture, based on racialism. Based on this racial issue and delineated in discussions about racialism and anti-racism in Brazilian social thought, we intend to discuss the construction socio-historic the racialist theory in Brazil, as well as checking the problems brought by the association "race / color" and "race / ethnicity" in discussing the do brasileiro training.

Keywords: racialism; antiracism; race; Brazilian.

¹ Licenciado Pleno em História pela Faculdade Saberes, Vitória, ES, Brasil (2009), graduando do curso de Ciências sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil; estudante associado do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias e membro do Corpo Editorial da Revista Simbiótica, ambos da UFES; atuou no Laboratório de Estudos Políticos (LEP) vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ciências Sociais da UFES, participando de Iniciação Científica na linha pós-colonial. E-mail: acrs@acrs.net.br

Introdução

Neste trabalho propomos fazer uma análise da influência racialista na produção teórica de autores que pensaram a formação do brasileiro e nos que discutem o antirracismo no Brasil. Não é objetivo do presente trabalho discorrer sobre a teoria dos autores ou mesmo apontar problemas, mas somente discorrer sobre a influência do racialismo na produção dos mesmos, não fazendo nenhum juízo de valor, tão somente, verificando como o racialismo perpassa as obras; propomos também fazer uma breve discussão do antirracismo que tem sua base no racialismo, de modo a entender como o racialismo fundamenta os discursos antirracistas.

Neste sentido, sabendo existir muitos autores que escrevem e pensam a formação do Brasil e do brasileiro ao longo do tempo, se torna necessário um recorte temporal e uma seleção de autores para análise; para este trabalho selecionamos dois autores que pensam a formação do brasileiro: Raimundo Nina Rodrigues (1862 -1906) e Gilberto de Mello Freyre (1900-1987). Estes dois autores foram escolhidos por trabalharem a formação do brasileiro através da ideia de miscigenação. Contudo os autores têm pontos de vista totalmente opostos sobre o tema, enquanto Nina Rodrigues vê a mestiçagem humana como um problema biológico (1899), de outro modo Gilberto Freyre era um entusiasta da miscigenação(2007). Tendo em vista que tanto Freyre quanto Nina Rodrigues baseiam seus argumentos na ideia de "raça" e a consequente miscigenação das mesmas na formação do brasileiro, a nossa análise se baseará na maneira que cada autor é influenciado pelo racialismo de modo a entender o quanto essa perspectiva racialista influencia a teoria dos autores.

Do mesmo modo, procuraremos fazer uma breve análise de como o pensamento racialista se mostra nas discussões antirracistas, de modo a verificar como esse pensamento baseia os discursos.

Pretendemos então neste trabalho discutir a construção sócia histórica da teoria racialista no Brasil, através dos autores selecionados, bem como verificar os problemas trazidos pela associação “raça/ cor” e “raça/ etnia” na discussão sobre a formação do brasileiro.

O Racialismo no pensamento social brasileiro: Gilberto Freyre e Nina Rodrigues

Pensando a questão “racial” na formação do brasileiro, principalmente a oposição e/ou diferenciação binária entre o negro e o branco, vale lembrarmos que os africanos foram inseridos no Brasil através de uma migração compulsória como escravo; nesse sentido ele é inserido no processo de formação do Brasil numa condição estigmatizada.

A partir do fim dos séculos XVIII e desenvolvendo-se mais no século XIX, a disseminação das teorias racialistas fez com que a diferenciação da cor da pele, dentre outros traços fenotípicos, responsáveis por “identificar” as “raças”, passasse a ganhar grande importância para entender as “desigualdades” existentes entre a civilização europeia e as demais civilizações.

Nesse sentido; os pensadores do Brasil não fugindo dessa discussão, desenvolveram as mais diversas hipóteses, teses e teorias sobre a formação do brasileiro, abordando a miscigenação “racial” baseada no racialismo.

Nina Rodrigues, pensando sobre a miscigenação massiva que caracterizava a formação da população brasileira dos fins do século XIX e início do XX; escreve o ensaio “Mestiçagem, degenerescência e crime” (1899), neste ensaio o autor discorre sobre a “degenerescência” que a mestiçagem causa aos indivíduos; Nina Rodrigues é um adepto de ideias eugênicas e por isso verifica na miscigenação um grande problema na formação do brasileiro. Citando trabalho publicado por Gobineau em 1855,

Nina Rodrigues decreta que o autor francês já fazia em meados do século XIX, um quadro bem negativo sobre a decadência dos mestiços sul-americanos, O autor no citado ensaio diz.

A tendência à degenerescência é, ao contrário, tão acentuado aqui quanto poderia ser num povo decadente e esgotado. A propensão às doenças mentais, às afecções graves do sistema nervoso, à degenerescência física e psíquica é das mais acentuadas (RODRIGUES, 1899).

Nina Rodrigues, como se pode observar, verifica na miscigenação, na mistura das raças um problema a ser levado em consideração para entender o atraso brasileiro e as desigualdades raciais existentes no país. Para o autor o grande problema do Brasil estava na miscigenação e a consequente degenerescência da mestiçagem principalmente com os negros, que são considerados pelo autor como uma "raça inferior".

O cruzamento de raças tão diferentes antropologicamente, como são as raças branca, negra e vermelha, resultou num produto desequilibrado e de frágil resistência física e moral, não podendo se adaptar ao clima do Brasil nem às condições da luta social das raças superiores (RODRIGUES, 1899).

Doutra perspectiva, bem distinta, Gilberto Freyre interpretou a "miscigenação" como um fator positivo da formação do brasileiro, e reconheceu a positividade da população negra na formação da sociedade brasileira, como podemos observar nesse trecho de casa Grande & Senzala.

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Franz Boas, que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio (FREYRE, 1995, p.xlvii-iii).

Gilberto Freyre baseia seu argumento pelo viés racial culturalista, advinda dessa orientação de Franz Boas, ao longo da obra *Casa Grande & Senzala* (1933), o autor cria um “mito fundador” do brasileiro e do Brasil, procurando demonstrar como a mestiçagem proporcionou o surgimento de um povo mais adaptado para habitar os trópicos, Gilberto Freyre, ao contrario de Nina Rodrigues, vê na mestiçagem algo bom, que não degenera, mas sim revigora, cria um individuo novo com uma nova identidade.

[...] o autor conferiu aos brasileiros sua identidade mestiça e reconheceu as vantagens da miscigenação: ser mestiço é que é bom! Sua ideia acerca da conciliação racial virou cultura política e transformou-se em senso comum (COELHO, 2007, p.185).

Observamos então, que tanto Nina Rodrigues quanto Gilberto Freyre tem na ideia/ categoria/ conceito raça, a principal fonte de seus argumentos. Isso por que os dois autores estão imersos pela teoria racialista, devemos levar em consideração que os autores não poderiam pensar no inicio do século XX, a formação da população brasileira sem recorrer às ideias racialistas.

Isso porque, a partir do século XVIII e XIX, com a disseminação das teorias racialistas, essa diferenciação racial, que identifica as “raças

humanas” principalmente pela cor da pele; passou a ganhar uma grande importância nos estudos antropológicos e sociais.

A concepção racialista, era baseada numa “teoria científica das raças humanas”, que possibilitaria uma definição arbitrária e eventualmente útil de raças humanas sem qualquer ideia de consequências e eventuais medidas a serem tomadas de superioridade desta ou daquela raça sobre a outra, de maneira geral ou num campo específico; implicações políticas, a favor ou contra a miscigenação, etc.

Porém, essa concepção “não valorativa” das raças humanas não foi a que predominou. Segundo professor da USP, antropólogo Kabengel e Munanga, a concepção racialista acabou por criar uma teoria pseudocientífica chamada raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX (2004).

O racismo como se pode observar até agora, foi à base de fundamentação teórica para explicar formação da população brasileira pelos autores, que imersos no contexto histórico de explicações racialistas da sociedade, tinham visões distintas sobre as “raças” humanas, e da miscigenação dessas raças na formação do brasileiro; tendo Nina Rodrigues; visto na mestiçagem um problema a ser resolvido através de um ideal de branqueamento da população, e também um incentivo a não mestiçagem.

Doutro lado, Gilberto Freyre tem uma visão que destaca as “qualidades”, dos três grandes grupos raciais brasileiros, o índio, o negro e o branco representado pelo português europeu; e a consequente positividade da mistura dessas três raças através da mestiçagem.

Na sua obra principal Casa Grande & Senzala, a concepção racialista de Freyre fica evidente, pois ele separa os capítulos da obra por “raças”, dedicando um capítulo ao índio, ao Português e os dois últimos capítulos ao negro; podemos verificar que Freyre na citada obra, dá pouca atenção

à participação indígena; pois para ele, a miscigenação se deu majoritariamente entre o branco e o negro, por isso, dá destaque ao português e ao negro, onde o português é plástico e híbrido e por isso apto para miscigenação, e o negro foi o responsável por construir o Brasil com seu suor e sangue.

Enfim, podemos verificar que o racismo no pensamento social brasileiro, representado aqui pelos autores Gilberto Freyre e Nina Rodrigues, influenciou os autores de forma bastante distintas, de modo que um valorizou a mestiçagem existente no bojo da população brasileira, no caso de Freyre, enquanto Nina Rodrigues verifica na mesma mestiçagem o atraso do Brasil, identificando uma degeneração advinda da miscigenação, isso por que as ideias racialista do autor se baseavam na teoria racialista eugênica, ao qual Freyre ignorou totalmente, pois se baseou no culturalismo junto a sua concepção racialista verificando na mestiçagem racial e “cultural” fatores positivos na formação do brasileiro, criando assim uma identidade mestiça para o Brasil.

Racismo e antirracismo no pensamento social brasileiro

O racismo baseia-se na ideia/conceito/categoria raça, como já citado, a partir da concepção racialista se desenvolveu a pseudociência da racologia, o racismo teria a princípio a intenção “simples classificação” das raças humanas, sem nenhuma pretensão de fazer juízo morais ou de valores. Contudo o racismo formulado a partir do século XVIII teve por objetivo, justificar a dominação europeia dos povos africanos, americanos e asiáticos, como salienta Munanga. “É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo” (Munanga, 2004, p.18).

Essa hierarquização do racismo, fez com que a ideia racial humana tenha na sua gênese uma concepção de desigualdade, sendo formulada pelos europeus, para demarcar suas diferenças, que acabou por colocar o branco no topo em detrimento das demais “raças”.

O que seria as raças humanas, criadas pelo racismo? Primeiramente o conceito de raça não é bem definido, ele pode estar vinculado à etnia, quando se fala de raça/etnia, a cor (raça/cor) ou a uma identidade cultural, a um grupo linguístico, etc.; para podermos entender melhor utilizaremos a ideia de raça discutida na obra “A casa do meu pai” (1997) de Appiah.

O autor nessa obra vem questionar as bases racistas para a formulação do pan-africanismo do fim do século XIX e início do XX, dos autores Alexander Crummell e Du Bois. Appiah observa que o conceito norteador para explicar a solidariedade entre os negros africanos para Crummell esta na ideia de “raça” (1997). Assim, ele não se preocupa com problemas de um país em específico africano, mas com o continente africano como um todo, como se a África fosse à pátria da “raça negra”.

Para Appiah, a ideia racista da África como a pátria da “raça negra”, advinha da comparação que Crummell fazia da situação dos negros escravizados na América, mais especificamente nos EUA (mas também na América portuguesa e caribe), onde os negros haviam sido levados de forma compulsória do continente africano e colocados em uma condição de inferioridade, diante dos colonizadores europeus.

Appiah verifica que para Du Bois, a ideia de raça não seria um conceito científico – isto é biológico, mas sim sócio histórico – ou seja, a história não seria feita por indivíduos, grupos ou nações e sim pelas raças; e essas raças não seriam melhores ou piores, superiores ou inferiores, mas complementares, e por isso as raças para Du Bois seriam.

[...] uma vasta família de seres humanos, em geral de sangue e língua comuns sempre com uma história, tradições e impulsos comuns, que lutam juntos, voluntaria e involuntariamente, pela realização de alguns ideais de vida, mais ou menos vividamente concebidos (APPIAH, 1997, p.54).

Nesse sentido, Du Bois se afastada concepção biológica e antropológica da raça rumo a uma noção sócio-histórica, cuja nenhuma definição biológica ou antropológica seria possível, conseguindo manter o discurso racialista ao mesmo tempo em que rejeitou oficialmente o discurso racial como “sendo qualquer outra coisa senão um sinônimo de cor” (Appiah, 1997, p.68).

Tendo em vista essa concepção racialista em Appiah, o discurso antirracista no Brasil, tem na cor a sua base. Podemos verificar no discurso de Du Bois o deslocamento para a sociologia e história do discurso racialista, que fugindo da biologia cria novas formas de expressão, seja, culturais, sociais ou políticas, como nos já nos alerta Munanga.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação (MUNANGA, 2004, p.22).

Essa ideologia, essa relação de poder e dominação se expressaram num primeiro momento pela dominação colonial, como exemplo da América latina, onde a concepção racialista procurou introjetar nos índios e no escravo, que esses eram racialmente inferiores.

Tal ideia vem sendo trabalhada desde os idos da colonização sul-americana, com os europeus convencendo índios, negros e mestiços de sua inferioridade em relação à raça branca e da inevitabilidade da dominação imposta.” (RIBEIRO; SOUSA; GASPERAZZO, 2012, p.79).

É essa relação de poder e dominação não proclamada que se esconde por de trás do discurso racial e por consequência racialista, ao ser utilizado no discurso antirracista baseado nessa ideia, mesmo que desconstrua a ideia biológica de raça, ainda existirá a raça simbólica, sociológica, que tem na cor da pele sua principal caracterização; que segundo D’Adesky, a “desconstrução científica da raça biológica (...), não faz desaparecer a evidencia da raça simbólica, da raça percebida, e invariavelmente interpretada” (D’Adesky, 2005, p.46).

Podemos observar que a ideia racialista no discurso antirracista, diferente do discurso do fim do século XIX e início do XX no Brasil, foi deslocada da discussão biológica, mas baseia se em parte no discurso culturalista, ao defender uma identidade negra sociologicamente construída ao longo do tempo, constituindo se historicamente.

Dessa maneira esse deslocamento não elimina a concepção racialista como afirma D’Adesky. “Evidentemente, essa dissociação não faz desaparecer a noção de raça designando uma representação social construída ou uma instancia simbólica” (D’Adesky, 2005, p.47). Fica claro que o discurso antirracista só se sustenta dentro do discurso racialista, dentro da perspectiva que podemos verificar na ideia racialista de Du Bois no início do século XX ao tratar o pan-africanismo. O racialismo foi à base de formulação do que veio a se tornar o racismo, nesse sentido, como salienta Munanga.

Devemos, portanto observar um grande paradoxo a partir dessa nova forma de racismo: racistas e antirracistas carregam a mesma bandeira baseada no respeito das diferenças culturais e na construção de uma política multiculturalista (MUNANGA, 2004, p.27)

Enfim, verificamos que o racialismo é a base do discurso indenitário no Brasil, seja por uma concepção culturalista ou sócio-histórica, não há como analisar a princípio as relações sociais no Brasil – e por que não dizer no mundo – sem levar em conta as questões raciais nascidas no século XVIII com a formulação da teoria racialista.

Pensar num mundo não racializado, formular teorias explicativas da sociedade minimizando ou desconsiderando questões raciais como base de explicação é um desafio que no momento - a discussão é complexa.

Nesse trabalho procuramos tratar do racialismo não como um problema; mas como um norteador ao qual cria paradoxos, e ao mesmo tempo em que tenta superar o principal problema nascido da teoria racialista – o racismo – ainda se calca nas explicações desta que o criou, verificamos então que a teoria racial ao tentar negar-se, se afirma ainda mais.

Bibliografia

COELHO, Claudio M. (2007). *Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*. UFES, CCHN, p.229. Dissertação (Mestrado)

D'ADESKY, Jacques (2005). *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.

FREYRE, Gilberto (1995). *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record.

MUNANGA, Kabengele (2004). "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia". In: _____. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, pp.15-34.

NINA RODRIGUES, Raimundo (1989). *Mestiçagem, degenerescência e crime*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/112459073/NINA-RODRIGUES-Mesticagem-degenerescencia-e-crime>. Acessado em 10 de outubro de 2013.

SOUSA, Antonio et. alli (2012). *O empenho epistemológico pós-colonial e o ponto de vista subalterno em Darcy Ribeiro Uma proposta de diálogo*. Simbiótica, v.1, pp.71-85.